

Vida*

ALÉM DOS LANCHES, O CAFÉ E CÂMERA FUNCIONA TAMBÉM COMO UM MUSEU DE MEMÓRIAS

Millena Marques

REPORTAGEM

millena.marques@redebahia.com.br

Ao subir as escadas da Igreja da Ordem Terceira dos Irmãos Carmelitas, na Ladeira do Carmo, um cheiro de café convida turistas, religiosos e moradores a uma experiência sensorial no Centro Histórico de Salvador. É no canto direito da histórica igreja, construída entre 1788 e 1860, que funciona o Café e Câmara (@cafeecamera), uma cafeteria diferente de todas as outras da capital. Por lá, além do bom expresso e seus acompanhamentos, câmeras, xilogravuras, fotografias e discos compõem um acervo de antiguidades responsável pela sensação de “casa de vó”.

Fundado em 2023 pelo fotógrafo, artista e marceneiro Adriano Viana — que também trabalha como agente de saúde —, o espaço nasceu de um sonho antigo. A ideia surgiu quando ele morava na Austrália, em 2017. Adriano viveu por três anos em Adelaide, capital costeira e cosmopolita do país. Foi lá que fez um curso de barista. Inicialmente, o objetivo era montar apenas uma cafeteria.

Depois, o desejo mudou: “Eu pensava em alugar um espaço fechado, onde eu pudesse montar uma loja de antiguidades e uma galeria”. Ao conhecer o cantinho ao lado da igreja, que estava fechado havia oito anos, decidiu reunir todas as paixões em um só lugar.

“No meio do caminho, pensei em colocar o café, que também seria um museu de câmeras. Liberaram o espaço para colocar mesas e cadeiras, e tudo foi fluindo”, diz. Com a escolha do espaço, Adriano precisava vencer um dos maiores desafios: a falta de dinheiro para montar o negócio.

Foi por meio de uma amiga que o sonho virou realidade. “Mulher costuma enxergar coisas além, né? Ela disse que eu iria abrir o café e me deu o dinheiro para comprar a máquina de café que eu queria”, conta, aos risos. Na época, o equipamento, fabricado nos anos 1970, custava R\$ 8 mil. No total, o investimento inicial foi de R\$ 20 mil, incluindo a compra de mesas, cadeiras, luminárias, poltronas, forno, radiola e prateleiras.

CASA DE VÓ

Se for colocar na ponta do lápis, o investimento é muito maior. Para se ter uma ideia, Adriano possui um acervo com cerca de 400 câmeras, adquiridas de colecionadores e lojas de antiguidades. A mais antiga delas é feita de madeira, não possui marca identificada e tem origem datada do século XIX. Foi comprada em



Fotógrafo, colecionador e agente de saúde, Adriano Viana fez curso de barista na Austrália

CAFÉ COM HISTÓRIA E AFETO

Eu pensava em alugar um espaço fechado, onde eu pudesse montar uma loja de antiguidades e uma galeria. No meio do caminho, pensei em colocar o café, que também seria um museu de câmeras. Adriano Viana

Proprietário

Fotógrafo Adriano Viana transformou um casarão na Ladeira do Carmo num dos espaços mais disputados do local, o Café e Câmara

um lote com outras quatro câmeras por R\$ 1,5 mil.

A coleção começou a ser montada há cinco anos. Como ele conseguiu reunir tantos equipamentos? A resposta é simples: “Energia. O artista faz o café, prepara a comida, atende os clientes, coleciona, cuida do financeiro, cuida de tudo”.

Quando abriu o café, o

acervo era menor: cerca de 150 peças. Em menos de três anos, o número mais do que dobrou. “Eu continuo comprando câmeras até hoje. Tenho modelos de diferentes formatos e marcas”, conta. Há exemplares de fabricantes como Kodak, Rolleiflex, Miranda, Kiev e Panasonic.

Além das câmeras, o espaço conta com aproximadamente

Existe, hoje, uma busca maior por negócios com identidade própria, mais criativos e independentes. Muitas cafeterias surgem unindo café, gastronomia, arte, música e cultura baiana. Hirleire Pereira

Analista do Sebrae

150 discos de vinil de grandes nomes da música brasileira, como Gilberto Gil, Djavan, Jorge Ben Jor, Milton Nascimento, Bebeto, Jovelina Pérola Negra e Chico Buarque. Há também fotografias do próprio Adriano, além de telefones, rádios, máquinas de escrever e quadros artesanais.

Montar um negócio sozinho não foi fácil. Adriano conta que não sabia estabelecer preços e chegou a quebrar a máquina de café pouco tempo depois da inauguração. “Não fiz consultoria nenhuma, montei tudo do zero. Errei bastante, tive muito prejuízo. Isso é uma escola”, conta.

Hoje, as coisas estão mais estabilizadas. Em meses de alta estação, como novembro e dezembro, cerca de 600 clientes passam pelo local por semana. Nos períodos de menor movimento, esse número gira em torno de 300.

No espaço, Adriano vende bolos caseiros (R\$ 14, a fatia), torta de chocolate (R\$ 20), coque (R\$ 14), quiche (R\$ 17) e outras delícias. O cardápio varia diariamente. O que nunca falta é o café especial vindo de Piatã, na Chapada Diamantina, que custa R\$ 8 o expresso, e R\$ 16 o coado. Café latte (R\$ 14) e capuccino (R\$ 16) também estão entre os itens mais pedidos.

MARINA SILVA



Juliana Lino é uma das muitas pessoas atraídas pela mistura de elementos que enriquecem o espaço



No local também funciona um clube de leitura

Diferente de tudo. É assim que a coordenadora pedagógica e influenciadora digital Bárbara de Carvalho (@oxe_babi), 32, descreve o Café e Câmera. Nascida nos anos 1990, ela viveu a transição dos equipamentos analógicos para os digitais e, por isso, o local desperta tantas memórias. “Quando conheci o Café e Câmera, aquele universo analógico me trouxe lembranças da infância. O toca-discos da minha avó, as fotografias em um álbum simples da Kodak, o sentimento de aconchego”, descreve.

Ela descobriu o local através do Instagram e gostou tanto que passou a indicar. Foi assim que surgiu a ideia de criar uma clube de leitura no espaço. “Como dizia Vinicius de Moraes: ‘a vida é a arte do encontro’. Uma dessas pessoas também se encantou pelo espaço e sugeriu criarmos uma roda literária”, conta. Há duas semanas, começaram as atividades: “Foi incrível. Discutimos títulos que marcaram nossas vidas”.

O Café e Câmera integra um universo de 4.788 empresas ativas do segmento de lanchonetes, casas de chá, sucos e similares em Salvador, segundo dados da Receita Federal disponibilizados pelo Sebrae. Desse total,

4.664 são micro e pequenas empresas, o que representa 97,4% do mercado, demonstrando que o setor é fortemente impulsionado por pequenos empreendedores.

“Existe, hoje, uma busca maior por negócios com identidade própria, mais criativos e independentes. Muitas cafeterias surgem unindo café, gastronomia, arte, música e cultura baiana”, explica Hirleane Pereira, analista do Sebrae.

A artista e pesquisadora Juliana Lino (@julianaclino) mora no Carmo há quatro anos e acompanhou de perto o nascimento do negócio de Adriano. Ela, assim como Bárbara, sabe exatamente qual é o diferencial do café para o bairro: “É diferente do movimento de abrir comércios para gringo ver. Quando enxergamos o espaço sob essa perspectiva de envolvimento cultural, surge a sensação de que ele realmente pertence ao bairro”.

O reconhecimento do Café e Câmera ultrapassou fronteiras. Em 2025, o estabelecimento foi citado em uma reportagem do jornal estadunidense The New York Times. O jornalista Michael Snyder descreveu o local como “um ótimo lugar para um café e uma boa conversa”.



O acervo de câmeras fotográficas de Adriano reúne cerca de 300 peças de épocas e locais diferentes

Novos espaços dão vida ao Centro Histórico

O Centro Histórico de Salvador vive um processo contínuo de revitalização econômica nos últimos anos. De acordo com dados da Receita Federal, a região possui 2.450 empresas, sendo que 47% iniciaram suas atividades entre 2021 e 2026 — caso do Café e Câmera. Somente neste ano, 146 novas empresas começaram a operar.

Segundo Luciana Buck, diretora de Desenvolvimento Econômico da Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Emprego e Renda (Semdec), cafeterias autorais e empreendimentos culturais contribuem diretamente para a movimentação da economia local. “Todas essas atividades se complementam e se fortalecem mutuamente. As atividades culturais se destacam e atraem públicos diversos, entre moradores e turistas. Isso fortalece os negócios relacionados a bares, restaurantes e cafeterias”, afirma. Ao todo, são 231 empresas ativas nesse segmento no Centro Histórico.

O impacto também se re-

flete nos números do turismo da capital baiana. “Esses novos espaços vêm ajudando a transformar o Centro Histórico em um ambiente ainda mais vivo, criativo e acolhedor. O turista de hoje busca experiências autênticas, e as cafeterias autorais, restaurantes e espaços gastronômicos acabam proporcionando exatamente isso”, afirma Gegê Magalhães, diretor de Qualificação e Promoção do Turismo de Salvador.

A instalação de negócios de pequenos e médios empreendedores em prédios históricos e religiosos também integra estratégias do Programa de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur), da Prefeitura de Salvador. “O objetivo é que essa estratégia, associada a consultorias especializadas e ao acesso ao crédito para empreendedores, impulse a geração de renda, contribua para a movimentação econômica do território e dinamize a região”, diz Maylla Pita, diretora de Empreendedorismo e Agronegócio da Semdec.



O cafezinho é especial e vem importado da Chapada Diamantina para o cardápio, que inclui lanches variados

